

**Estudo de Caso**  
**A ÉTICA ATRÁS DA PORTA**

**Case Study**  
**THE ETHICS BEHIND THE DOOR**

**Maristela Fittipaldi**

Professora Titular da Universidade Veiga de Almeida

Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

[maristela.fittipaldi25@gmail.com](mailto:maristela.fittipaldi25@gmail.com)

## **Resumo**

O Estudo de Caso é uma das estratégias metodológicas de ensino que costumam despertar maior interesse e participação dos alunos. Em especial quando há conceitos difíceis que precisam ser desenvolvidos e trabalhados, o que ocorre com frequência na disciplina de Legislação e Ética no Jornalismo. A intenção do Estudo de Caso que se segue, adaptado a partir de uma situação verídica, é expor e discutir, a partir de desafios reais da prática cotidiana, dilemas éticos diante dos quais jornalistas irão se deparar em sua vida profissional. Em forma de narrativa e dividido em duas partes, foi escrito como Caso Interrompido, que possibilita ao professor discutir com os estudantes conceitos e possíveis soluções que a situação colocada suscita, e, depois, a critério do docente, revelar ou não o desfecho. Ao fim do caso - intitulado "A ética atrás da porta" -, incluímos "Notas de Ensino", com informações sobre o Estudo de Caso como método de ensino/aprendizagem.

**Palavras-chave:** Estudo de Caso, Ética, Jornalismo.

## **Abstract**

The Case Study is one of the methodological teaching strategies that usually arouse greater interest and participation of students. Especially when there are difficult concepts that need to be developed and explained, which occurs frequently in the discipline of Law and Ethics in Journalism. The intention of the Case Study that follows, adapted from a true situation, is to expose and discuss from real challenges of everyday practice, ethical dilemmas on which journalists will come across in professional life. In narrative form and divided into two parts, was written as an Interrupted Case, which enables the teacher to discuss with students the concepts and possible solutions, and then, by the teacher's decision, reveal or not the conclusion. At the end of the case – called "The ethics behind the door" –, we included "Teaching Notes", with information about the Case Study as a teaching method.

**Keywords:** Case Study, Ethics, Journalism.

## **Estudo de Caso**

### **A ÉTICA ATRÁS DA PORTA**

#### PARTE A

*- Professora, este fim de semana aconteceu algo que me fez lembrar de você e de suas aulas.*

Esta sempre foi uma das frases mais ouvidas por Maria Vianna, que ministra a disciplina Legislação e Ética no Jornalismo nas faculdades em que leciona. E sempre funcionou como uma espécie de termômetro de suas aulas e do grau de reflexão que conseguia estimular em seus alunos. Afinal, se lembravam dela e dos conceitos trabalhados em sala quando identificavam alguma situação corriqueira do dia-a-dia em que a ética – ou a falta dela - estivesse envolvida, era um sinal de que suas aulas estavam “surtindo efeito”.

Ela sempre soube que lidar com assuntos polêmicos e trabalhar conceitos tão abstratos como os limites entre vida pública e vida privada, o relacionamento entre o jornalista e suas fontes, o interesse público e o direito social à informação, entre tantos outros que envolvem a ética de uma profissão como o jornalismo, não é tarefa fácil.

Nesta empreitada, utilizar Estudos de Casos – reais ou fictícios - sempre foi uma importante estratégia metodológica utilizada por Maria. Imaginar-se numa encruzilhada profissional faz pensar sobre como agiríamos se fosse conosco e ajuda a tornar palpáveis conceitos trabalhados em sala de aula. Dos recursos pedagógicos disponíveis, este sempre é, aliás, o que suscita mais participação dos alunos. Mas, como se diz por aí, “treino é treino, jogo é jogo”. E quando o exercício vira realidade, é a hora da decisão de verdade.

Uma de suas alunas, Carla, se viu nesta situação antes mesmo de se formar. Ela era uma estudante dedicada, atenta às aulas, tirava boas notas e logo conseguiu estágio em um jornal de linha mais popular. Feliz com sua conquista, não media esforços para conciliar as tarefas da faculdade e o trabalho no periódico. Gostava de comentar com Maria sua rotina na redação, falava sobre as matérias que fazia, pedia conselhos... Mas a decisão mais difícil de sua curta vida de estagiária ainda estaria por vir.

Em mais um plantão de fim de semana no jornal, ela foi enviada para cobrir a seguinte notícia: a mulher de um famoso jogador de futebol acabara de perder o bebê que estava esperando e estava internada. Como é praxe nas redações, foi correndo para a porta do hospital, onde, além de uma multidão de curiosos, havia uma pequena legião de jornalistas aguardando notícias e buscando uma oportunidade de conseguir algum “furo” jornalístico. Uma declaração do jogador já seria ótimo. Melhor ainda se viesse acompanhada de uma imagem exclusiva.

Carla se juntou a seus “coleguinhas” de profissão e, como eles, se preparava para ficar por ali horas, esperando alguma novidade. Mas, talvez estimulada pelos conselhos de seus professores, que sempre lhe ensinaram que um bom jornalista deve correr atrás da notícia, resolveu tentar algo diferente naquele dia. Guardou seu bloco de anotações, tirou o crachá que a identificava como estagiária de um veículo de comunicação e resolveu tentar entrar no hospital por uma porta lateral.

Para sua surpresa, ninguém tentou impedi-la. O único segurança que estava na porta, provavelmente distraído pelo movimento de curiosos e jornalistas na entrada principal, não reparou em Carla, que conseguiu rapidamente chegar ao interior do hospital. Como ela não sabia em que quarto a mulher do jogador estava, andou de andar em andar. Assim que avistou um segurança parado à porta de um quarto, percebeu que lá estava seu alvo.

Permaneceu ali por uns vinte minutos, pensando o que fazer. Esperar o jogador sair e tentar uma entrevista? Observar a movimentação de visitas e buscar a fala de algum parente ou amigo? Arriscar algumas perguntas a alguma enfermeira ou médico? Enquanto esperava, ligou para seu chefe de reportagem na redação para consultá-lo. Ele exultou quando soube que ela era a única jornalista que estava dentro do hospital, tão perto de conseguir uma matéria exclusiva sobre o assunto do momento. Ao menos do ponto de vista do chamado jornalismo de celebridades.

- *Você está com um celular que tira fotos?* – perguntou o chefe de reportagem.

- *Sim, estou* – respondeu Carla.

- *Então dê um jeito de entrar lá e fotografar o casal* – ordenou o chefe.

- *Mas não é falta de ética? Eles acabaram de perder um bebê. Vou entrar lá assim? Devem estar arrasados...* – argumentou ela.

- *Arrasada vai ficar você se não voltar para cá com a foto. Se você não fizer, outro vai fazer. E você vai perder sua grande chance, quem sabe até de ser efetivada no jornal* – disse, quase em tom de ameaça, o veterano jornalista.

Carla desligou o telefone sem dizer mais nada. Num canto do corredor, não sabia como agir. Seguir as instruções do chefe e tentar entrar naquele quarto para conseguir um “flagra” que poderia ser seu passaporte para a contratação? Ou seguir os princípios éticos que havia aprendido nas aulas com a professora Maria, expressos inclusive no código de ética dos profissionais da categoria, que diz que o jornalista não deve invadir a intimidade alheia e que a vida privada de celebridades só interessa se houver uma dimensão pública no acontecimento?

## PARTE B

As dúvidas eram muitas, mas a decisão precisou ser tomada em segundos, durante os quais ela não pôde contar com a habitual ajuda da professora, que tentava guiar os alunos em suas reflexões quando estavam em sala, imaginando o que fariam se situações como esta acontecessem com eles. Poucos minutos depois de desligar o celular, alguém chamou o segurança do jogador que estava junto à porta para passar alguma informação e, por alguns instantes, o quarto ficou sem vigia. Sem muito pensar, tomada pelo *frison* do momento, Carla dirigiu-se ao quarto com o celular em punho, girou a maçaneta da porta e entrou.

Atrás da porta, ela se lembra apenas de ter ouvido os gritos de indignação do jogador com sua presença e visto de relance o rosto surpreso e atônito de mulher dele. Mal ela colocou um pé dentro do quarto, foi agarrada com violência pelo segurança, que já estava de volta, acompanhado então de outro guarda-costas. Eles a jogaram, literalmente, para fora dali. Na confusão que se sucedeu, Carla caiu no chão e foi praticamente arrastada corredor afora. Sem saber se ela havia tido tempo de fotografar o casal – o que de fato não aconteceu –, os seguranças quebraram seu celular e só sossegaram quando ela já estava do lado de fora do hospital.

Os jornalistas que estavam de plantão na frente da clínica saíram em sua defesa, revoltados com a violência com que ela havia sido tratada. Mas, a esta altura, os arranhões e hematomas resultantes do tombo e da truculência com que foi retirada de lá eram o que menos importava. A humilhação misturava-se a uma dor moral que ela nunca havia experimentado. Um sentimento muito ruim. Ela queria apenas sair dali.

Em vez de gerar notícia, no dia seguinte, Carla foi notícia. Um fotógrafo que estava de plantão na frente do hospital conseguiu fotografar a estagiária sendo arrastada pelo chão pelos seguranças e suas imagens estamparam a primeira página de pelo menos dois jornais de linha mais popular, inclusive aquele em que ela trabalhava. Vergonha, humilhação, revolta, dor, arrependimento.

Carla só teria aula de ética com Maria três dias depois do ocorrido, mas não aguentou a espera e ligou para a professora. Em detalhes, e em meio a lágrimas, contou tudo o que havia acontecido. Por fim, não conteve a pergunta:

*- Você acha que eu faltei com a ética? O que fiz foi errado?*

Maria sempre achara interessante a ideia que as pessoas fazem de quem leciona ética. Certa vez, durante uma aula, um aluno chegou a questioná-la: “Quer dizer que você nunca faz nada de errado, professora? Se dá aula de ética, só faz o que é certo?”. Mais que isso, há quem ache que se uma pessoa ministra a disciplina de ética, tem resposta para todas as perguntas. Maria não tinha. Ela sempre acreditou que o estudo da ética deve permitir ao indivíduo desenvolver a capacidade de se fazer perguntas, de questionar atitudes – principalmente as suas -, e apressou-se em devolver a Carla suas indagações:

*- Você acha que faltou com a ética? Acha que o que fez foi errado?*

Maria ficou em silêncio por alguns segundos.

*- Sim, acho que fui antiética e errei. Nem sei por que fiz aquilo. Fiquei com medo de voltar para a redação sem a foto, de não ser efetivada no emprego, sei lá... Estou muito arrependida do que tentei fazer e não faria de novo nem que um chefe me mandasse. Ainda bem que não deu certo. Se eu tivesse feito a foto, ela teria sido publicada com certeza e a dor daquele casal teria sido ainda maior. Ele é famoso, mas acho que tem o direito de sofrer esta perda em paz. Se não quer falar, devemos respeitar. Até porque, a perda do bebê é um assunto privado, que nada tem a ver com a carreira pública do jogador, com sua atuação em campo. Agora entendi tudo o que você falava nas aulas. Pena que precisei passar por tudo isso. Mesmo assim, obrigada, professora. Até a próxima aula – despediu-se Carla.*

Maria pensou em tudo o que acabara de ouvir por alguns minutos e voltou para sua leitura de cabeceira, interrompida pelo telefonema aflito da aluna. Não por coincidência, ela estava folheando um livro sobre ética, um dos muitos que usa em sala de aula, para marcar os trechos e páginas que

leria com os alunos no encontro seguinte. Todos são títulos de autores renomados, recheados de conceitos e princípios fundamentais para a reflexão sobre a ética na profissão de jornalista. Por melhores que sejam – e são -, porém, nenhum deles poderia dar respostas a todas as dúvidas de Carla nem ajudá-la no momento crucial de sua decisão.

E nem poderia ser diferente. Códigos e normas são importantes para comunicar princípios que os profissionais acreditam que deveriam seguir e funcionam como um norte, uma baliza das atitudes que são esperadas do jornalista. Eles são um meio, mas não um fim em si. O que vai determinar a escolha que se faz é o valor mobilizado no indivíduo naquele momento. E algum valor, que não a preservação da privacidade alheia, falou mais alto na consciência da estagiária naquela hora, ainda que depois ela tenha se arrependido.

Na aula seguinte, os outros alunos que souberam do ocorrido interpelaram Carla, queriam saber detalhes, começaram a opinar e a falar ao mesmo tempo sobre o que fariam se fosse com eles. Maria, aproveitando o entusiasmo dos estudantes, procurou orientá-los em sua reflexão e fazer com que aplicassem os conceitos aprendidos em sala naquele episódio. Carla aproveitou para dividir com os colegas sua angústia, seus argumentos, suas dúvidas, seu arrependimento, seu aprendizado. Uma lição aprendida a duras penas e alguns arranhões: a ética atrás da porta é sempre mais complexa, e mais real, que qualquer discurso.

## NOTAS DE ENSINO

### **Introdução:**

- O estudo de caso acima pode ser usado em qualquer programa de graduação ou pós-graduação na área de Ciências Humanas, em especial em cursos de Comunicação Social e Filosofia, com aplicação mais evidente, embora não restrita, a disciplinas ligadas à área de Legislação, Ética e Jornalismo, uma vez que permite abordar conceitos ligados a temas como ética, moral e deontologia profissional.

### **Objetivos e aspectos fundamentais do Caso:**

- 1) Refletir a respeito das noções de ética, moral e deontologia.
- 2) Debater aspectos relacionados à deontologia jornalística e a práticas profissionais.
- 3) Trabalhar conceitos fundamentais no jornalismo, como direito social à informação, direito à privacidade, direito à imagem.
- 4) Discutir a validade de estratégias polêmicas para obtenção de informações e imagens, como ocultação da condição de jornalista ou uso de disfarces no jornalismo.

### **Aplicação e gerenciamento do caso em sala de aula:**

- Apesar de o Caso acima ter sido desenvolvido como Caso Interrompido, a condução do caso acima pode ter a forma de:

1) **Estudo de Caso Direto** – Após a leitura individual do caso na íntegra (fora do horário da aula), os alunos poderão, em aula, junto ao professor, analisar e debater procedimentos e posturas da personagem nele envolvida, aplicando conceitos e teorias que foram estudados em aula.

2) **Relato de Histórias** – Nessa modalidade, da mesma forma, o professor descreve o caso e os alunos leem em casa, na íntegra, o relato. Mas, em vez de analisar a solução dada, há, por parte dos alunos, a apresentação de alternativas de soluções possíveis, levando-se em consideração também as possíveis consequências profissionais e sociais de cada atitude.

3) **Caso interrompido** – O professor oferece ao aluno, para leitura em casa, apenas parte do relato. O caso é interrompido no momento em que o dilema profissional/pessoal se apresenta. Em sala de aula, sob a coordenação do professor, que pode propor algumas questões iniciais, para

estimular e orientar o início da discussão, os alunos devem propor e debater possíveis condutas e soluções, sem que conheçam a conclusão do caso ou as atitudes tomadas pelo personagem envolvido. A discussão, sempre baseada nos conceitos apreendidos em sala de aula, pode ser espontânea e individual ou pode haver a formação de pequenos grupos. Uma vez esgotado o debate e a apresentação de argumentos e conceitos, o professor pode:

- a) entregar o trecho com o desfecho do caso, para que os alunos leiam juntos em sala de aula, saibam o que ocorreu e possam, eventualmente, retomar a discussão, avaliando causas e consequências das atitudes tomadas;
- b) Manter o desfecho ignorado, uma vez que o objetivo central do Estudo de Caso pode não ser o de analisar as decisões tomadas, mas sim debater conceitos centrais relacionados à ética no jornalismo e apontar as possibilidades de transformação da prática profissional.

Importante: Anotações no quadro feitas pelo professor, a partir das intervenções dos alunos, ajudam os estudantes a organizar o pensamento e a orientar e sintetizar a discussão. É preciso que o aluno saia da aula ciente dos objetivos de tal estudo e do conhecimento que foi capaz de ajudar a construir. Para melhor aproveitamento da estratégia metodológica, o professor pode relacionar ainda uma lista de referências, bibliográficas ou não, para que os alunos possam aprofundar ou consultar sobre os conceitos e fundamentos suscitados pelo Estudo do Caso.

## **Conclusão**

Em qualquer das modalidades de condução, utilização ou aplicação do caso acima, vale ressaltar que cabe ao professor a dupla tarefa de direcionar (na forma de questões, perguntas diretas ou indiretas ou de breves intervenções para orientação) o estudo e a reflexão dos alunos para aspectos e conceitos fundamentais que o caso envolve, mas também de estimular a construção do conhecimento de forma autônoma, crítica e criativa, abrindo espaço para questionamentos não previstos inicialmente por ele. Nesse sentido, como não há turmas ou alunos iguais, e cada qual traz para a discussão vivências e contextos diferentes, é possível que surjam abordagens e conclusões distintas, mesmo quando os conceitos centrais forem os mesmos. Fundamental é ser capaz de utilizar o caso para ampliar o estudo, a abordagem, a aplicação e a discussão a respeito de importantes conceitos, práticas e estratégias profissionais.